

MUSEU JUDAICO DE BERLIM E A POÉTICA DESCONSTRUTIVISTA

PSYBILOSKI, Bruna Jaskiw.¹
MANTOVANI, Giulia Braun.²
WENGRAT, Katchucia.³
FELICIO, Rhulian.⁴
DIEGO, Rondinelli⁵
OLDONI, Sirlei Maria⁶

RESUMO

Apresenta-se o Museu Judaico de Berlim (Alemanha) como tema, e tem-se no presente artigo o objetivo geral de explorar a relação formal desta obra do arquiteto Daniel Libeskind, com a história do holocausto. Para tanto, foram analisados os contextos históricos e aspectos psicológicos, que permitem chegar à conclusão de que, tal como é, a edificação exerce um importante papel dentro de seu contexto social e informacional. No aspecto histórico, alcança a grandiosidade de se remeter a um acontecimento que marcou profundamente a humanidade e a comunidade judaica, sendo inclusive, a forma literal concebida para preservar a memória acerca destes terrores da Segunda Guerra Mundial; sua excelência arquitetônica se estende aos aspectos psicológicos, que demonstram a grande capacidade do espaço transmitir sensações e emoções referentes à sua narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Daniel Libeskind, Holocausto, Alemanha, Berlim, Museu.

1. INTRODUÇÃO

O tema abordado é a expressão arquitetônica contemporânea do Museu Judaico de Berlim, na Alemanha, obra assinada pelo arquiteto desconstrutivista Daniel Libeskind. Logo, justifica-se a relevância deste estudo através do impacto provocado por este museu, em termos de sua projetualidade, morfologia, de sua relação com seus visitantes e da relação que estabelece, enfim, com a sociedade pós moderna.

O problema da pesquisa volta-se para a caracterização de qual é o impacto fomentado pelo museu projetado por Daniel Libeskind ao seu entorno e contexto histórico. Diante de tal problema fora formulada a seguinte hipótese: A obra "Museu do Holocausto" apresenta uma grande relevância histórica, tendo como fator essencial a permissão, por parte da arquitetura, ao acesso dos sentimentos e memórias de pessoas que foram vítimas do holocausto. Portanto, devido ao seu

¹Discente do 7º período de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: brunajaskiw@outlook.com

²Discente do 7º período de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: lgiuliamantovani@gmail.com

³Discente do 7º período de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: katchuciawengrat@hotmail.com

⁴Discente do 7º período de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: rhulian@hotmail.com

⁵Discente do 7º período de Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário da Fundação Assis Gurgacz. E-mail: rondineli.diego@hotmail.com

⁶Professora orientadora, docente do curso de Arquitetura e Urbanismo - FAG. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UEM/Uel. E-mail: sirleioldoni@hotmail.com

contexto — ou motivação de sua existência — e reações que causa, a obra se torna tanto um marco local quanto um marco mundial.

2. REFERENCIAL TEÓRICO OU FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. CONTEXTO HISTÓRICO

A Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) envolveu, direta e indiretamente, mais de 70 países e seu desfecho consistiu em milhões de mortes, mutilações e traumas psicológicos para ex-combatentes e civis, entre outros problemas de cunho social e econômico, que perduraram muito tempo, mesmo após o fim deste conflito.

O Holocausto compõe parcela desse período e pode ser definido como “perseguição e extermínio sistemático de judeus, apoiado pelo governo nazista”. (USHMM, 2009).

Segundo Guillermo Altares (2017), “os dois principais centros de documentação do Holocausto, o Yad Vashem, em Jerusalém, e o Museu do Holocausto, em Washington, utilizam o número de seis milhões” de judeus mortos neste contexto histórico.

2.2. DANIEL LIBESKIND

Daniel Libeskind é judeu-polonês, nascido em 12 de maio de 1946, na cidade de Łódź (Polônia). O período de sua primeira infância correspondeu a momentos conturbados e de militância política em seu país natal, e a turbulência política polonesa esteve entre os fatores que motivaram sua família a migrar para Israel, em 1957. Contudo, após somente dois anos em Israel, ele e sua família mudam-se novamente com destino para os Estados Unidos da América; onde Daniel estuda arquitetura e forma-se em 1970 pela *Cooper Union for the Advancement of Science and Art*, de Nova Iorque. Em seguida, no ano de 1972, obtém o título de mestre em História e Teoria da Arquitetura da *School of Comparative Studies*, na Inglaterra. (CARRILLO, 2011).

2.3. A MUDANÇA DE PARADIGMA DOS MUSEUS

De espaço de contemplação, o museu que resumia-se em expor e guardar arte passou a ser espaço de entretenimento e agitação cultural. Compondo parte do organismo vivo chamado cidade, sendo, inclusive, capaz de exercer um papel fundamental nas dinâmicas políticas e econômicas, conferindo responsabilidade ainda maior aos arquitetos e designers que planejam e projetam estas tipologias na contemporaneidade. (CRUZ, 2008).

2.4. MUSEU DO HOLOCAUSTO

Em 1999 foi projetado por Daniel Libeskind o museu do Holocausto, também chamado de “Entre linhas”, esta obra localiza-se na Lindenstrasse 9–14, 10969, em Berlim (Alemanha). Sua

inauguração ocorreu em 2001 e, desde então, suas formas são capazes de demonstrar com primazia a importância da arquitetura no contexto histórico e cultural da sociedade contemporânea. Este projeto apresentou a proposta de estancar o vazio deixado pela devastação do território após a Segunda Guerra Mundial. E a arquitetura que o compõe busca narrar a História a partir da exploração das sensações do usuário, apropriando-se, para tanto, de grande simbolismo. (YUNIS, 2016; GOMES, 2007).

A estrela de Davi enquanto signo possui uma significação relacionada a sua estrutura formal de duplo triângulo, [...] sozinho [*o triângulo*] significa “concretização” ou “materialização” e o ato de duplicá-lo ou aglutinar dois triângulos reafirma tal conceituação [...]. No momento em que Daniel Libeskind estiliza a forma desta estrela, ele transforma sua significação e o signo passa a ser símbolo. Mas, símbolo de quê? [...] no contexto do Holocausto, [...] a estrela de Davi fraturada representa um sentimento de revolta quanto à barbárie sofrida pelos judeus, representa a necessidade de se explicitar o fato sem eufemismos. Assim, o assassinato dos judeus pelos nazistas é simbolizado pela quebra do signo mais representativo [...], de onde partem os “estilhaços” que seguem marcando todas as faces do edifício, mantendo sempre presente a memória de um momento impactante. (GOMES, *s.p.*, 2007).

O projeto, como descreve Yunis (2016), baseia-se em duas estruturas lineares responsáveis por conceber o “corpo” da obra. Nas intersecções de ambas, encontram-se “vazios” que se elevam verticalmente e são o elemento estrutural do edifício de Libeskind e sua conexão com a edificação ao lado, porque: “embora a extensão de Libeskind aparente como um edifício independente, não existe nenhuma entrada exterior formal ao edifício. Para chegar a ele, é necessário adentrar o *Kollegienhaus*, o antigo museu barroco situado ao lado”.

Gomes (2007), apresenta estes vazios como espaço intermediário que desempenha a função de articulação podendo, inclusive, ser interpretado como rejeição da visão do Holocausto.

A partir deste raciocínio, a reflexão instigada busca a compreensão de que a ausência não pode ser dominada, nem nunca pôde, a ruptura não poderá ser curada e não poderá ter seu conteúdo preenchido por artefatos museicos. (GOMES, *s.p.*, 2007).

O que delimita a visão do visitante para fora do edifício e toda entrada de luz para o museu são as aberturas que assemelham-se à “estilhaços”. Estas aberturas diminutas podem também ser compreendidas como uma analogia ao transporte dos judeus em carros de boi rumo aos campos de concentração, onde, durante o percurso, eles só podiam visualizar o mundo a sua volta por meio das pequenas frestas entre as tábuas de madeira que vedavam o veículo. (GOMES, 2007).

Conforme Gomes (2007), os corredores apertados articulam os espaços para, possivelmente, transmitir a sensação de opressão sofrida por judeus durante a ocupação nazista. O visitante caminha por um “espaço estreito, entre paredes cegas, que fazem com que se sinta, no âmbito da poesia, insignificante frente à força contida nas paredes e sem liberdade de seguir outro caminho”.

3. METODOLOGIA

A metodologia adotada para o desenvolvimento deste estudo ocorre através de uma abordagem dialética, que se utiliza da bibliografia disponível acerca do Museu do Holocausto.

A utilização da pesquisa bibliográfica, mostra-se fundamental para todo trabalho científico, pois exerce influência sobre todas as etapas da pesquisa. Consistindo em levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas ao conhecimento desenvolvido. Permitindo, respectivamente, fazer um histórico sobre o tema selecionado; Atualizar-se; Encontrar respostas aos problemas formulados; Levantar contradições sobre o assunto / tema e evitar a repetição de trabalhos já realizados. (AMARAL, 2007).

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Daniel Libeskind se expressa através de uma arquitetura repleta de signos a ser interpretados e de formas difíceis de serem esquecidas, inclusive, ele “admite ter uma crença poderosa na habilidade das pessoas em aprender com a História e com a arquitetura”, seu pensamento e seus projetos também expressam a convicção de que “assim como um edifício e uma cidade estão sempre presentes ao longo do tempo e da história”, o ato de edificar uma obra serve como um agente transformador da cultura do local. (GOMES, 2007).

De acordo com Machado (2005), a percepção que Daniel possui acerca da importância da responsabilidade individual de ajudar, continuamente, a reconstruir este mundo, consegue influenciar a sociedade sobre o significado da transmissão da memória, como um legado de geração em geração. "Ele tem a incrível capacidade de fundir história, memória e estrutura. Cria símbolos corajosos, espaços que gritam contra o mal e endossam a liberdade mundo afora". É possível perceber dentro desse contexto imposto pelo arquiteto, sua ideologia sendo aplicada neste Museu.

Para Andrew Kroll (2005), o Museu Judaico de Berlim é uma das construções mais emblemáticas que retratam o holocausto, pois é um edifício repleto de simbolismo onde se retrata o sofrimento e a angústia que envolveu aproximadamente seis milhões de judeus, perseguidos e assassinados, durante a guerra; pois os espaços do museu agem sobre o visitante, proporcionando uma intensa viagem permeada de emoções e sensações.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se através de Cruz (2008) e Zilli (2014), a transformação nas funções dos museus e na maneira que estes e sua arquitetura conectam-se à sociedade. Tal transformação foi ocasionada por um período de profunda remodelação social após a Segunda Guerra Mundial. Neste novo contexto, a arquitetura de Daniel Libeskind, judeu-polonês, não hesita em assumir um importante papel informacional como mantenedora das memórias coletivas de um povo e promotora de uma consciência *a posteriori*, isto é, formulada a partir da vivência do espaço projetado.

A obra contemporânea “Museu do Holocausto de Berlim” afeta profundamente seu usuário, choca-o, emociona-o e proporciona uma reflexão conduzida por símbolos e signos presentes em

uma plástica que basta em si mesma e é responsável por uma apreensão mais rigorosa de sua geometria, que explora as memórias e emoções de um povo profundamente ferido pela guerra. Povo qual o próprio arquiteto Daniel Libeskind pertence e, com primazia, representa.

REFERÊNCIAS

ALTARES, Guillermo. **Por que falamos de seis milhões de mortos no Holocausto?** El País. 2017. Disponível em:

<brasil.elpais.com/brasil/2017/09/13/internacional/1505304165_877872.html>. Acesso em: 05 de junho de 2018.

AMARAL, João J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica.** Universidade Federal do Ceará, 2007. 21 p. Disponível em: <200.17.137.109:8081/xiscanoe/courses-1/mentoring/tutoring/Como%20fazer%20pesquisa%20bibliografica.pdf> Acesso em: 08 de abril de 2018.

CARRILLO, Mariana. **Daniel Libeskind faz história com sua arquitetura.** Obvious mag, 2003. Disponível em: <obviousmag.org/archives/2011/01/daniel_libeskind_faz_historia_com_sua_arquitetura.ht>. Acesso em: 04 de abril de 2018.

CRUZ, Giovana. **O Lugar da Arte: Um breve panorama sobre a arquitetura dos museus e centros culturais.** 2008. Disponível em: <arquimuseus.arq.br/anais-seminario_2010/eixo_i/p1-artigo-giovana-cruz_formatado-27-11.pdf>. Acesso em 18 de abril de 2018.

GOMES, Silvia de Toledo. **A estrela de Davi estilizada: uma leitura do Museu Judaico de Berlim de Daniel Libeskind.** Disponível em: <www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.081/273>. Acesso em 18 de abril de 2018.

KROLL, Andrew. **AD Classics: Jewish Museum, Berlin Daniel Libeskind.** ArchDaily. 2010. Disponível em: <www.archdaily.com/91273/ad-classics-jewish-museum-berlin-daniellibeskind/>. Acesso em 06 de abril de 2018.

MACHADO, Marise. **Museu Judaico de Berlim, Arquiteto Daniel Libeskind.** Architectures, Vol.3. 2000. Disponível em: <fauforma2.files.wordpress.com/2009/08/libeskind_museu-judaico-de-berlim.pdf>. Acesso em: 06 de abril de 2018;

USHMM. **Enciclopédia do Holocausto: O Holocausto.** 2009. Disponível em: <www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10005143> Acesso em 06 de junho de 2018.

YUNIS, Natalia. **"Clássicos da Arquitetura: Museu Judaico de Berlim / Daniel Libenskind"** 2016. ArchDaily Brasil.<www.archdaily.com.br/br/799056/classicos-da-arquitetura-museu-judaico-de-berlim-daniel-libenskind> ISSN 0719-8906>. Acesso em 20 de abril 2018.

ZILLI, Gabriela. **A Produção Artística através das Memórias Políticas: Uma elaboração de Novas Memórias.** UFPel. Disponível em: <periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/viewFile/7900/5291>. Acesso em 18 de abril de 2018.